



**O gênero da expressão convencional ‘cabra’:  
um modelo categorial com extensões metafóricas  
e suas implicações de natureza cultural**

***The Gender of the Conventional Expression ‘Cabra’:  
A Categorical Model with Metaphorical Extensions  
and its Cultural Implications***

Fernanda Cavalcanti

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro /Brasil  
cavalcanti7fernanda@gmail.com

Luciane Ferreira

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil  
lucianeufmg@gmail.com

**Resumo:** Este artigo apresenta discussão subsidiada por resultados obtidos com pesquisa sobre a natureza do pareamento entre forma e significado da expressão convencional ‘cabra’, sobretudo, a sua variação de gênero. À luz dos postulados da Teoria da Metáfora Conceptual, especialmente Goatly (2007), Kövecses (2010) e Lakoff (1987), examinam-se os aspectos de natureza cognitiva, cultural e histórica atuantes no processo de conceptualização de tal expressão, usada, sobretudo, no Nordeste do Brasil, para se referir tanto a animal de gênero feminino como a homem. Dessa forma, analisam-se definições dos primeiros dicionários gerais de língua portuguesa (BLUTEAU, 1712; SILVA, 1823) e contemporâneos (HOUAISS, 2008; FERREIRA, 2010), além de definições de dicionários etimológicos (MACHADO, 1952) e dados coletados a partir de aplicação de três questionários junto a 93 sujeitos, no período de 2010 a 2013. Há evidências de que a variação de gênero de tal expressão está relacionada ao situamento sociocultural dos falantes residentes no Nordeste do Brasil.

**Palavras-chave:** pareamento forma e significado; variação de gênero; cabra; situamento sociocultural.

**Abstract:** This article presents a discussion supported by the results obtained in a research about the nature of the link between form and meaning of the conventional expression ‘Cabra’, especially its gender variation. In light of the Conceptual Metaphor Theory approach, in special Goatly (2007), Kövecses (2010), Lakoff (1987) the cultural, historical and cognitive aspects involved in the conceptualization of such expression, mostly used in the Northeast of Brazil, to refer to both female gender of animal and men were analysed. Therefore, definitions in the first general dictionaries of the Portuguese language (BLUTEAU, 1712; SILVA, 1823) contemporary dictionaries (HOUAIS, 2008; FERREIRA, 2010), etymological dictionaries (MACHADO, 1952) and also data collected from the application of three questionnaires to 93 participants from 2010 to 2013 were examined. The evidence found suggests that gender variation is related to the sociocultural situatedness of the members of the community from the Northeast of Brazil

**Keywords:** form and meaning pairing; gender variation; *cabra* (goat); sociocultural situatedness.

Recebido em 04 de abril de 2018

Aceito em 12 de junho de 2018

## 1 Introdução

Discute-se, neste artigo,<sup>1</sup> a natureza do pareamento entre forma e significado, especialmente a variação de gênero da expressão convencional ‘cabra’, tendo em vista que ela é usada, sobretudo, no Nordeste do Brasil, para se referir tanto a animal de gênero feminino como a homem. Para tanto, aborda-se o caráter polissêmico de tal expressão à luz da Teoria da Metáfora Conceptual. De acordo com essa teoria, a polissemia é compreendida como uma estrutura de natureza semântico-conceptual, isto é, uma categoria, aberta e dinâmica resultante de nossa cognição situada, ou ainda da interação entre a nossa configuração corpórea e o mundo físico e sociocultural situado (LAKOFF, 1987).

---

<sup>1</sup> Este artigo tem como base, pesquisa de pós-doutorado realizada no âmbito do programa de pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais, cujo objeto foi a variação de gênero da expressão polissêmica ‘cabra’. Ressalta-se que tal pesquisa se constitui em desdobramento de pesquisa de doutoramento da primeira autora, cujo objeto foi a polissemia *tout court* da expressão convencional ‘cabra’. A pesquisa nos dicionários gerais e etimológicos foi realizada no acervo de obras gerais da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Para autores como Klein e Murphy (2001), a polissemia incide sobre a grande maioria das palavras, mesmo que em graus diferentes. Ou seja, a despeito do que afirmam linguistas e psicolinguistas, como Ruhl (1989) e Hino e Lupker (1996), que estudam o significado lexical, Klein e Murphy (2001) declaram que poucas são as palavras homônimas. Ou ainda, poucas são as palavras que apresentam significados individuais não relacionados, que compartilham da mesma representação fonológica, tal qual o célebre exemplo entre *banco* – ‘instituição financeira’ – e, *banco* – ‘objeto feito para sentar’.

Nessa perspectiva, ambos os autores ponderam que, se os contornos de uma teoria voltada para a representação da homonímia são razoavelmente claros, o mesmo não ocorre em relação a teorias que tratam da representação da polissemia. Para os lexicólogos, por exemplo, há consenso em relação ao estabelecimento de diferentes entradas para palavras (ou lexias) homônimas, a despeito da maneira como o usuário percebe essa relação. No entanto, constata-se que, dentre esses especialistas, não existe tal consenso em relação a palavras (ou lexias) polissêmicas. Assim, no caso dos significados *folha branca feita a partir da madeira* e *desempenho* associados ao mesmo lema *papel*, não há consenso se tal caso se constitui em uma ou em duas entradas, já que se pondera que, embora os significados possam estar ontologicamente relacionados, referem-se a coisas distintas.

Para Lakoff e Johnson (1980), as visões acerca da homonímia e da *mononímia* se constituem em estratégias utilizadas por linguistas e lógicos no sentido de não reconhecerem o caráter metafórico de conceitos mais abstratos. Ou seja, Lakoff e Johnson (1980) avaliam que as teorias relativas à organização de nosso léxico mental em termos de homonímia – uma forma para cada significado<sup>2</sup> – ou em termos de *mononímia*<sup>3</sup> – um único significado literal e abstrato para várias formas – seriam funcionalmente inadequadas por não considerarem as características próprias ao sistema conceptual humano,

---

<sup>2</sup> Adota-se, aqui, definição de homonímia de Klein e Murphy para os quais: the outline of a theory of homonymic representation are fairly clear. The different meanings of *bank* or *calfe* are considered to be different words, so it is generally believed that they are represented by different *lemmas* (lexical units – see LEVELT, 1989). In Lexecology, there also seems to be a belief that homonyms are different words, as indicated by separate dictionary entries (ZYGUSTA, 1971, p.74, also shown below). (KLEIN; MURPHY, 2001, p.260).

<sup>3</sup> Adota-se, aqui, esse termo não convencionalizado em português do Brasil com base no que Lakoff e Johnson (1980) chamam de ‘abstraction’ e Klein e Murphy (2001) chamam de ‘core meaning view’ ou ‘monosemy’.

situado e metafórico. Com efeito, essas teorias negligenciariam padrões apresentados pelo nosso léxico, oriundos, por exemplo, da conceptualização de domínio mais abstrato, como ser humano, em termos de domínio mais experiencial, como cabra’.

Em outras palavras, se, para os teóricos da Metáfora Conceptual, recursos cognitivos metafóricos próprios do funcionamento de nosso sistema conceptual se convencionalizam em função dos usos – a exemplo das Metáforas Conceptuais SER HUMANO É ANIMAL e COMPORTAMENTO HUMANO É ANIMAL, que licenciam as metáforas verbais, como “Lula é jararaca” e “aos berros e aos gritos, os manifestantes entraram no plenário” – para os teóricos da *mononímia*, não seria possível reconhecer a evidência de tais recursos. Ou seja, para os teóricos da *mononímia*, os significados de ser humano e cabra seriam estruturados, por exemplo, a partir de algum conceito nuclear, abstrato e neutro. Os teóricos da homonímia, por sua vez, não dariam conta de explicar a relação entre dois conceitos e os tratariam de modo independente e não relacionado.

Além disso, não há nenhuma teoria da similaridade que possa lidar com tal tipo de fenômeno polissêmico, isto é, que fundamente a abordagem daqueles que defendem a existência de algum conceito comum entre ‘ser humano’ e ‘cabra’, por exemplo, (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Nesse sentido, tais autores, ao lançarem as bases do que viria a ser chamada, posteriormente, de Teoria da Metáfora Conceptual, doravante TMC, formularam princípios acerca da relação de não similaridade entre os conceitos, ou ainda de similaridade experiencial. Segundo tal princípio, mesmo compartilhando aspectos similares –devido à nossa interação de caráter sensório-motor com o meio físico ser, de modo geral, comum – as nossas experiências apresentam diferenças de cultura para cultura e dependem, normalmente, de uma compreensão baseada no cruzamento entre domínios conceptuais distintos. Ou seja, tais experiências determinariam as propriedades e similaridades das categorias de nosso sistema conceptual e, por consequência, o mapeamento metafórico de domínios distintos como no caso de ser humano e animal.

Por outro lado, vale destacar que, de acordo com Gibbs (1994), a ubiquidade da linguagem figurada, ou ainda de metáforas verbais, na língua em uso, se constituiria em evidência de que esta seria primordialmente moldada por linguagem desse tipo. Diante de tal evidência, para Gibbs (1994) e demais teóricos da Metáfora Conceptual, a linguagem figurada seria instanciações de recursos cognitivos basilares, ou ainda de Metáforas Conceptuais, que desempenhariam, no âmbito de nosso sistema conceptual,

o papel de formar conceitos, de motivar a mudança semântica e o significado das expressões metafóricas ou não. Nesse sentido, considera-se a expressão convencional ‘cabra’, uma metáfora verbal a exemplo da seguinte passagem encontrada no romance *Fogo Morto*: “Vá dizer a este mata-cachorro que eu agüento. Sou homem, cabra. Sou homem!” (RÊGO, 1982, p.72)

Tal metáfora verbal é aqui tratada na condição de expressão convencional. A razão para tal decisão é porque se adota a definição de convencionalidade preconizada por teóricos da TMC, qual seja: metáforas conceptuais podem ser classificadas em termos de grau de estabilização assim como as suas manifestações linguísticas correspondentes. (KÖVECSES, 2010). Nesse sentido, evoca-se Freyre (2004), segundo o qual a figura do *cabra* teria relação com o nascimento do que chama de *civilização da cana-de-açúcar*, particularmente aquela que floresceu no Nordeste do Brasil. Considera-se, assim, que a metáfora conceptual, a exemplo de SER HUMANO É ANIMAL, que licencia a expressão *cabra* vêm sendo utilizada em tempo suficiente para ter sido internalizada e, conseqüentemente, já se encontraria devidamente estabilizada. Ou seja, é possível inferir que os usuários circunscritos à região em questão utilizam a expressão em foco de maneira automática e sem fazer esforço.

Nessa perspectiva, lança-se a seguinte pergunta: qual seria o conceito nuclear abstrato e neutro que relacionaria os significados de animal e de homem de modo a estruturar a polissemia da expressão convencional ‘cabra’ e a sua variação de gênero? Ou ainda, quais seriam as similaridades abstratas compartilhadas entre os conceitos homem e cabra que estruturariam os significados polissêmicos apresentados pela expressão convencional ‘cabra’?

A nosso ver, itens lexicais polissêmicos como a expressão convencional ‘cabra’ ilustram as várias relações do léxico com nosso aparato conceptual e com o nosso sistema de valores e crenças. Tal posicionamento contraria a ideia preconizada por gerativistas de que a descrição e a representação mental dos usos de um item lexical se apoiam na escolha de regras de derivação – linguísticas ou não – e/ou nas listas de (exceções) de entradas independentes (homonímias), o que Langacker (1987) chama de Falácia da Regra/Lista. Contraria, igualmente, o pendor formalista que, ao pleitear evidências de suposta cientificidade e economia, tratam as significações como genéricas e abstratas, o que Silva (2003) chama de Falácia da Generalidade.

Assim sendo, organiza-se este artigo em três seções, além desta introdução, nas quais: apresentam-se os dados levantados para discussão de nosso objeto; sugerem-se algumas análises e conclusão à luz dos postulados da Teoria da Metáfora Conceptual, especialmente em Goatly

(2007), Kövecses (2010), e Lakoff (1987); são feitas as considerações finais, nas quais, com base nas evidências encontradas, apresenta-se a proposta de um esboço de um modelo categorial para ‘cabra’.

## 2 Método e dados

Para discussão da natureza do pareamento entre a forma cabra e seus significados em termos de homem, especialmente no que diz respeito à mudança de gênero, foi feito levantamento de definições atribuídas a tal expressão constantes: nos primeiros dicionários gerais da língua portuguesa, a exemplo do *Vocabulário portuguez e latino*, de Rafael Bluteau (1712), do *Diccionario da lingua portugueza*, de Antônio Moraes Silva (1823), em que ele revisa Bluteau (1712), e de suas edições mais recentes, Silva (1877; 1949); e nos dicionários gerais mais contemporâneos, a exemplo de Antônio Houaiss *et al.* (2008), e de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2009; 2010), além do dicionário etimológico de José Pedro Machado (1952). Ademais, ao se adotar perspectiva sincrônica, discutem-se as definições encontradas nos mencionados dicionários à luz de dados coletados por meio da aplicação de três questionários junto a 93 sujeitos, residentes em Fortaleza, entre o período de 2010 e 2013.

Assim sendo, selecionaram-se (vide os três quadros abaixo): duas entradas relativas à expressão ‘cabra’ (1<sup>a</sup>. e 7<sup>a</sup>.) dentre as doze elencadas por Bluteau (1712); duas acepções (1<sup>a</sup>. e 3<sup>a</sup>.) dentre as quatro elencadas por Silva (1823) em sua entrada relativa à ‘cabra’; três (1<sup>a</sup>. 2<sup>a</sup>. e 5<sup>a</sup>.) acepções dentre as 10 elencadas por Silva (1877) em sua entrada relativa à ‘cabra’; quatro acepções (1<sup>a</sup>. 2<sup>a</sup>. 3<sup>a</sup>. e 8<sup>a</sup>.) dentre as oito elencadas na primeira entrada relativa à ‘cabra’ em Silva (1949); a única acepção elencada na segunda entrada de ‘cabra’ em Silva (1949); as quatro acepções elencadas na terceira entrada relativa à ‘cabra’ em Silva (1949); duas acepções (1<sup>a</sup>. e 3<sup>a</sup>.) dentre as 16 elencadas em Machado (1952) em sua entrada relativa à ‘cabra’; dez acepções (1<sup>a</sup>. 2<sup>a</sup>. 3<sup>a</sup>. 4<sup>a</sup>. 5<sup>a</sup>. 12<sup>a</sup>. 13<sup>a</sup>. 14<sup>a</sup>. 15<sup>a</sup>. e 16<sup>a</sup>.) dentre as 16 elencadas por Houaiss *et al.* (2008) em sua entrada relativa à ‘cabra’; e oito (1<sup>a</sup>. 3<sup>a</sup>. 4<sup>a</sup>. 6<sup>a</sup>. 7<sup>a</sup>. 8<sup>a</sup>. 9<sup>a</sup>. e 10<sup>a</sup>.) dentre as 11 elencadas por Ferreira (2010) em sua entrada relativa à ‘cabra’.

Necessário destacar que apenas Houaiss *et al.* (2008) e Ferreira (2010) enumeram as suas acepções. No entanto, a título metodológico, isto é, em função de uma melhor manipulação dos dados, enumeraram-se as acepções dos demais autores. Nesse sentido, vale destacar que o que se chama, aqui, de segunda acepção, constante na entrada relativa à ‘cabra’ em Machado (1952), trata-se, na verdade, de uma nota de rodapé na qual tal acepção é atribuída a Georg Friederich.

### QUADRO 1 – Definição do animal

Bluteau (1712)	Silva (1823)	Silva (1877)	Silva (1949)	Machado (1952)	Houaiss (2008)	Ferreira (2010)
Cabra: (1ª entrada) 1. Animal doméstico quadrúpede, quadrúpede, cornífero, cornífero, fêmea do cabrão, de focinho chato e rabo curto.	Cabra: <i>l.f.f.</i> Animal quadrúpede dos menores, cornífero, fêmea do bode ou cabrão (...);	Cabra: <i>l.s.f.</i> (do lat. <i>capra</i> ) Animal quadrúpede dos menores, cornífero; fêmea de bode ou cabrão;	Cabra: (1ª entrada) <i>s.f</i> [do lat. <i>capra</i> ] <i>zool</i> Gênero de mamíferos ruminantes, corníferos e, geralmente, de pêlos compridos;	Cabra: <i>l. s.</i> do lat. <i>capra</i> ; cabra;	Cabra: <i>l.s.f.</i> (1278cf.IVPM) desig.comum aos mamíferos ruminantes do gen. <i>Capra</i> , da fam. dos bovídeos, com sete <i>spp.</i> selvagens que ocorrem em áreas montanhosas da Ásia, África e Europa, e uma <i>sp.</i> domesticada encontrada no mundo inteiro ( <i>Capra</i> <i>hircus</i> );  2. A fêmea da <i>sp</i> domesticada ( <i>Capra</i> <i>hircus</i> );	Cabra: <i>l. s.f.</i> [do lat. <i>capra</i> ]. <i>sf</i> .1. Mamífero ruminante, a fêmea do bode;

### QUADRO 2 – Definição de cabra em termos de mulher

Silva (1877)	Silva (1949)	Houaiss (2008)	Ferreira (2010)
2. <i>fig.</i> Mulher que berra muito;	2. <i>fig.</i> Rapa-rapa de modos muito desvolto rameira, prostituta;	3. <i>fig. pej.</i> Mulher pouco recatada, lasciva, devassa;	3. <i>pop.</i> Mulher devassa;
	3. Mulher de mau porte, dissoluta ou muito berradeira;	4. <i>p. ext. tab.</i> Rameira, prostituta;	4. <i>fig.</i> Mulher de mau gênio, irritadiça e escandalosa;
		5. <i>fig. pej.</i> Mulher escandalosa, temperamental, que se irrita facilmente e grita muito;	

### QUADRO 3 – Definição de cabra em termos de mulher e homem

Bluteau (1712)	Silva (1823)	Silva (1877)	Silva (1949)	Machado (1952)	Houaiss (2008)	Ferreira (2010)
(7ª. entrada) Darão os portugueses esse nome a alguns índios, porque os acharam ruminando, como cabra, a erva Betel que quase sempre trazem na boca.	3. Filho ou filha de pai mulato, e mãe mãe preta ou às avessas;	5. O filho ou filha de pai mulato e mãe preta ou às avessas;	8. Ser cabra, ser mau companheiro;	3. Sobre o uso de cabra como dignidade de índios brasileiros, de ascendência nobre e bravura natural;	12. Mestiço indefinido, de negro, índio ou branco, de pele morena clara	6. <i>bras.</i> Mestiço de mulato e negro;
			(2ª. entrada): adj. Ruim, esperto, Sabido;		13. Indivíduo determinado; sujeito, cara	7. v. Capanga;
			(3ª. entrada) 1. <i>s.m.</i> Bras. Mestiço, filho de negro ou mulato ou vice-versa;		14. Indivíduo forte valente, petulante; brigão. 14.1 (...) capanga; criminoso; pistoleiro	8. v. Cangaceiro
			2. <i>por ext.</i> Indivíduo petulante, valentão, provocador;		15. Trabalhador braçal agrícola, rurícola.	9. Morador de de propriedade rural
			3. Denunciante, espião, testemunha comprometedora; 4. Cangaceiro		16. P. Espião de policia; alcaguete; denunciante	10. Indivíduo; sujeito



De acordo com as acepções selecionadas, observa-se que, além daquela relativa ao animal de gênero feminino, ‘cabra’ é definida: em termos de homem por Bluteau (1712) e por Machado (1952); em termos de homem e de mulher por Silva (1823; 1877; 1949), por Houaiss *et al.* (2008), e por Ferreira (2010). Interessante atentar, nesse sentido, para o fato de que, ao revisar Bluteau (1712), Silva (1823) não reproduz a sua acepção de ‘cabra’ como índio, além de acrescentar a tal acepção, o significado de cabra na condição de “filho ou de filha de pai mulato e de mãe preta ou às avessas”. Parece ser esse, então, o primeiro registro de ‘cabra’ definida como mulher e mestiço.

Tal acepção será reproduzida por todos os dicionários a ele subsequentes aqui elencados. Encontram-se, contudo, algumas variações nessa reprodução, a exemplo de Silva (1949). Para os seus lexicógrafos Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado, tal acepção seria um brasileirismo e significaria apenas filho nascido de pai mulato e mãe preta. Muito embora tenham retomado a acepção proposta por Silva (1949), Houaiss *et al.* (2008) incluem aí, uma nova etnia, a branca. Tal fato nos leva a inferir que o uso da expressão ‘cabra’ relativo a índio encontra-se apenas no português europeu (PE); e que o uso como mestiço ou mestiça encontra-se apenas no português do Brasil (PB), como afirmado pelos lexicógrafos de Silva (1949).

Outro aspecto relevante é quanto ao registro das demais acepções de ‘cabra’ como mulher aparecer apenas nas edições tardias de Silva (1877; 1949). Observa-se, nesse sentido, que, ao que parece, tal expressão é definida: inicialmente, como mulher escandalosa de acordo com Silva (1877); e, em seguida, como mulher de baixa reputação, de acordo com Silva (1949). Vale salientar ainda o registro feito por Silva (1949) de acepções de cabra na condição de adjetivo e como homem violento e bandido. Essas últimas acepções foram reproduzidas por Houaiss *et al.* (2008) e por Ferreira (2010), além daquelas de cabra como mulher. Considerando que esses autores não datam o aparecimento de tais usos, é plausível supor que as primeiras acepções atribuídas a ‘cabra’ como homem e como mulher ganharam mais extensões no período entre a primeira e a edição mais recente de Silva (1823; 1949).

Além disso, com a exceção de Machado (1952) e das acepções 13 e 10 constantes em Houaiss *et al.* (2008) e em Ferreira (2010) respectivamente, é preciso ressaltar que boa parte das acepções de cabra na condição de homem e de mulher possui caráter depreciativo e

pejorativo. É sabido que a condição de mestiço sempre foi avaliada como inferior pelos valores hegemônicos e eurocêntricos de nossa sociedade, assim como a de trabalhador e a de morador da zona rural.

Nessa perspectiva, para autores como Cascudo (2009), por exemplo, a expressão cabra como filho de mulato e negra não goza de simpatia no folclore sertanejo. Por isso, “o tratamento de ‘cabra’ é insultuoso. Ninguém gosta de ouvir o nome. [...]. Todas as estórias referentes aos ‘cabras’ são pejorativas e são eles entes malfazejos, ingratos, traiçoeiros”. (CASCUDO, 2009, p. 60). Ainda a esse respeito, parece não ser trivial que a primeira acepção de cabra em termos de ser humano, à qual se teve acesso, se refira a índio. Vale destacar que tal acepção teria sido criada, segundo Bluteau (1712), a partir da comparação que os portugueses fizeram entre o hábito que determinado grupo de índios tinha em mascar erva e o ruminar das cabras. Vale lembrar que, por essas épocas, a Igreja Católica discutia se os índios teriam alma ou se seriam animais, tal qual foi por ela consideradosos negros.

Outro aspecto que merece destaque é quanto ao fato de apenas Machado (1952) não informar sobre o gênero da entrada cabra. Tal informação se encontra indicada pelos demais autores, seja ela de natureza gramatical, seja ela na condição de definição de cabra como a fêmea do cabrão ou do bode. Salienta-se que as informações etimológicas acerca da expressão convencional ‘cabra’, fornecidas por quase todos os dicionários investigados – com a exceção de Bluteau (1712) e de Silva (1823) – convergem no sentido de sua origem ser a forma latina *capra*. Houaiss *et al.* (2008), por exemplo, indica que tal forma pode, igualmente, se remeter ao gênero de espécies selvagens e domésticas, no caso de *Capra hircus*. Os demais autores – Bluteau (1712), Machado (1952), Silva (1949) e Ferreira (2009) – informam, no entanto, que a origem latina das formas que nomearam o macho da cabra em português – ‘cabrão’ e ‘cabro’ – é outra diferentemente de *capra* (vide quadro abaixo). Bluteau (1712), Silva (1823), Silva (1949), Machado (1952) e Ferreira (2009) informam ainda que as formas ‘cabrão’ e ‘cabro’ teriam caído em desuso por terem sido substituídas pela forma ‘bode’.

## QUADRO 4 – Origem e definição do macho da cabra

Bluteau (1712)	Silva (1823)	Silva (1949)	Machado (1952)	Ferreira (2009)
Cabram, cabrão. Vide bode	Cabrão, <i>s.m.</i> bode, macho da espécie cabrum// <i>t.v.</i> O que consente que sua mulher adultere	Cabrão, <i>s.m.</i> (do lat. <i>caprone</i> ). <i>zool.</i> macho da cabra; bode// marido cornudo	Cabro, forma hoje desesusada por bode; do lat. <i>capru</i> – bode; odor forte das axilas	Cabro [do lat. <i>capru</i> ]. <i>s.m.</i> bode cabrum [do lat. <i>tar. caprunu</i> ]. <i>adj.</i> 2. <i>bras.</i> v. corno (9)

Cabrão capado.

*câper, pri.*

Maje. Virg.

Cabrão

cornudo,

consentido. *vul.*

Cornudo

Bode – O

macho da

cabra.

Bode capado.

*câper, pri*

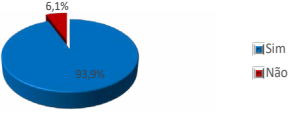
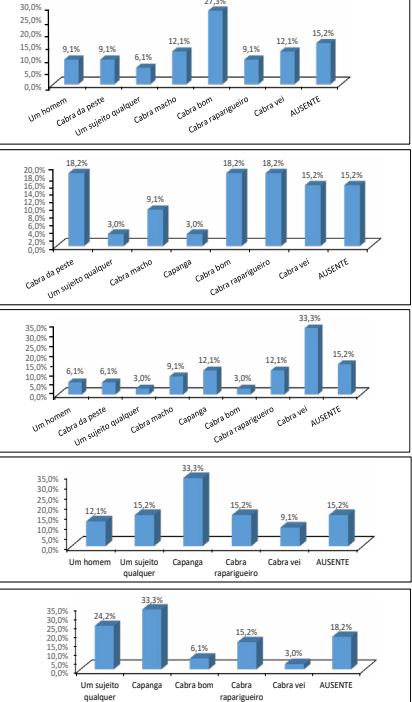
Em suma, embora se observe que há divergência quanto à forma original latina da qual teria derivado ‘cabrão’ e ‘cabro’, os dicionários acima elencados atribuem, com exceção de Silva (1823), a essas formas anacrônicas, origem latina diferente daquela da qual se derivou ‘cabra’. Vale destacar que, assim como Bluteau (1712), Freund (1866), em seu *Gran Dictionnaire de La Langue Latine*, define as formas ‘*câper, pri*’ como aquelas que se referiam ao macho da cabra. Ainda, segundo esse dicionário, diferentemente de Machado (1952), essas mesmas formas teriam aparecido em textos de autores latinos, se referindo, igualmente, ao forte cheiro exalado pelas axilas. Ao que parece, a forma latina relativa ao macho da cabra, além de se distinguir daquela atribuída à cabra, entrou na língua portuguesa se reportando tanto ao forte cheiro exalado das axilas como a marido que consente ser traído, o vulgo ‘corno’. Supõe-se que a acepção de corno atribuída a ‘cabrão’ se deva ao fato de ele ser capado, assim como afirmam Bluteau (1712), Silva (1823; 1949) e Ferreira (2009).

Por outro lado, de acordo com os dados levantados (vide os três quadros abaixo) por meio de três questionários aplicados juntos a 93 sujeitos residentes em Fortaleza, no período de 2010 a 2013, a expressão convencional ‘cabra’ se refere, para além do animal de gênero feminino, apenas a homem. Tais dados contrariam, assim, as acepções apresentadas pelos dicionários investigados. Importante ressaltar que o perfil desses sujeitos é majoritariamente de universitários, já que os questionários foram aplicados junto aos estudantes dos cursos de Educação Física, de Dança e de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), e do curso de Comunicação da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). A escolha por tal perfil se deveu à razão de se pretender observar o uso dessa expressão em público jovem, escolarizado e urbano, já que se atribui que o uso de cabra na condição de homem estaria circunscrito a um público de perfil rural e de baixa escolaridade.

Necessário ainda destacar que se encontram disponibilizadas, nos quadros seis (6) e sete (7), as respostas de parte das perguntas constantes nos segundo e terceiro questionários. Assim, embora o segundo questionário possua, originalmente, 13 perguntas, constam, no quadro abaixo (Quadro 6), seis perguntas acompanhadas de suas respectivas respostas. Quanto ao terceiro questionário, embora possua, originalmente, nove perguntas, constam, no quadro abaixo (Quadro 7), duas perguntas acompanhadas de suas respectivas respostas. Por essa razão, foi mantida a numeração de origem.

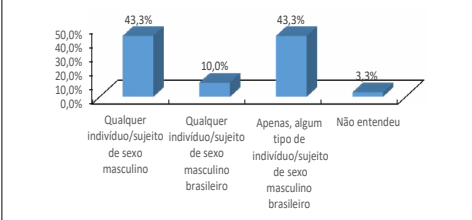
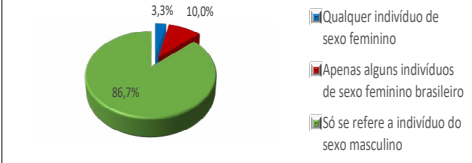
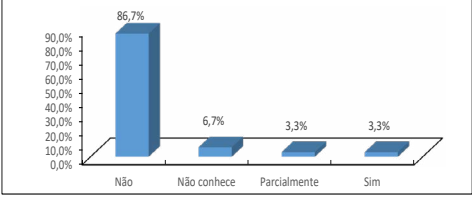
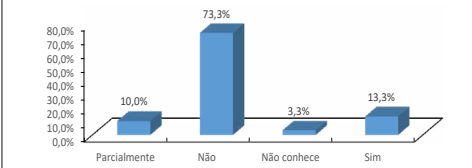
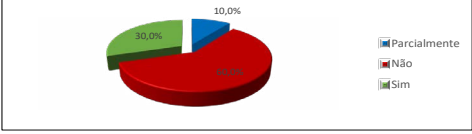
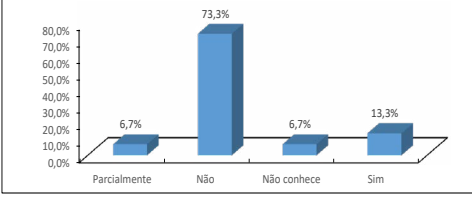
Considerando que esses questionários foram formulados, inicialmente, para subsidiar questões de outra pesquisa por nós realizada, a decisão em selecionar uma parte das perguntas e respostas constantes nos segundo e terceiro questionários se deu em razão tanto do espaço aqui disponibilizado como, sobretudo, do objetivo que se tem com este artigo. Contudo, os questionários em sua íntegra se encontram disponibilizados nos anexos.

QUADRO 5 – Primeiro questionário aplicado junto a participantes residentes em Fortaleza

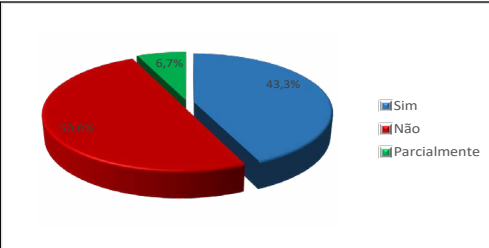
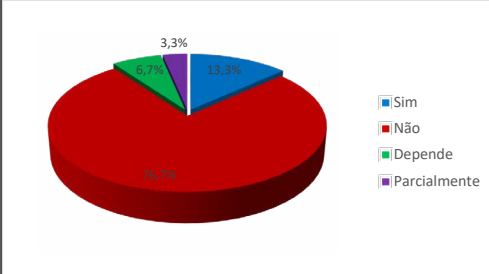
Perguntas	Respostas
<p>1. O que lhe vem à mente quando você ouviu a palavra CABRA?</p> <p>Liste as palavras que lhe vem à cabeça?</p>	<p>45% dos 33 participantes responderam Animal;                      15,2% dos 33 participantes responderam Homem;                      9,1% dos 33 participantes responderam Cabra da Peste e                      9,1% dos 33 participantes responderam Leite;                      6,1% dos 33 participantes responderam Macho.                      6,1% dos 33 participantes não responderam;                      3,1% dos 33 participantes responderam Carneiro                      3,1% dos 33 participantes responderam Ladrão                      3,1% dos 33 participantes responderam Zona Rural.</p>
<p>2. Você acredita que o termo CABRA é usado para designar indivíduo do sexo masculino?</p>	 <p>93,9% Sim 6,1% Não</p>
<p>3. O que é para você verdadeiramente um cabra? Ordene os termos abaixo em uma lista. (Cabra Macho, Cabra da Peste, Cabra Bom, Homem, Cabra, Raparigueiro, Cabra Vêi, Um sujeito qualquer e Capanga)<sup>4</sup></p>	 <p>The grid contains 10 bar charts, each representing a different participant's list of terms. The y-axis for all charts represents percentage (0.0% to 35.0% or 40.0%). The x-axis lists the terms used. The data is as follows:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Chart 1: Um homem (33.3%), Cabra da peste (27.3%), Um sujeito qualquer (15.2%), Cabra macho (12.1%), Cabra bom (3.0%), AUSENTE (9.1%)</li> <li>Chart 2: Cabra da peste (18.2%), Um sujeito qualquer (3.0%), Cabra macho (9.1%), Capanga (3.0%), Cabra bom (18.2%), Cabra raparigueiro (18.2%), Cabra vei (15.2%), AUSENTE (15.2%)</li> <li>Chart 3: Um homem (18.2%), Cabra da peste (6.1%), Um sujeito qualquer (15.2%), Cabra macho (36.4%), Cabra bom (12.1%), AUSENTE (12.1%)</li> <li>Chart 4: Um homem (6.1%), Cabra da peste (6.1%), Um sujeito qualquer (3.0%), Cabra macho (9.1%), Capanga (12.1%), Cabra raparigueiro (3.0%), Cabra vei (12.1%), AUSENTE (33.3%), AUSENTE (15.2%)</li> <li>Chart 5: Um homem (12.1%), Um sujeito qualquer (15.2%), Capanga (33.3%), Cabra raparigueiro (15.2%), Cabra vei (9.1%), AUSENTE (15.2%)</li> <li>Chart 6: Um homem (24.2%), Cabra da peste (3.0%), Um sujeito qualquer (3.0%), Cabra macho (9.1%), Capanga (3.0%), Cabra bom (21.2%), Cabra raparigueiro (12.1%), Cabra vei (12.1%), AUSENTE (12.1%)</li> <li>Chart 7: Um sujeito qualquer (24.2%), Capanga (33.3%), Cabra bom (6.1%), Cabra raparigueiro (15.2%), Cabra vei (3.0%), AUSENTE (18.2%)</li> </ul>

<sup>4</sup> As repostas mostram da primeira à oitava classificação de acordo com as listas produzidas pelos participantes. Os termos da lista não foram disponibilizados em ordem.

QUADRO 6 – Segundo questionário aplicado junto a participantes residentes em Fortaleza

Perguntas	Respostas										
<p>4. Você concorda com a definição segunda a qual CABRA se refere a: Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino; Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro; Apenas, algum tipo de indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro</p>	 <table border="1"> <thead> <tr> <th>Resposta</th> <th>Porcentagem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino</td> <td>43,3%</td> </tr> <tr> <td>Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro</td> <td>10,0%</td> </tr> <tr> <td>Apenas, algum tipo de indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro</td> <td>43,3%</td> </tr> <tr> <td>Não entendeu</td> <td>3,3%</td> </tr> </tbody> </table>	Resposta	Porcentagem	Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino	43,3%	Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro	10,0%	Apenas, algum tipo de indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro	43,3%	Não entendeu	3,3%
Resposta	Porcentagem										
Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino	43,3%										
Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro	10,0%										
Apenas, algum tipo de indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro	43,3%										
Não entendeu	3,3%										
<p>6. Você acha que CABRA é usado também para se referir: Qualquer indivíduo de sexo feminino; Qualquer indivíduo de sexo feminino brasileiro Apenas alguns indivíduos de sexo feminino brasileiro Só se refere a indivíduo do sexo masculino</p>	 <table border="1"> <thead> <tr> <th>Resposta</th> <th>Porcentagem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Qualquer indivíduo de sexo feminino</td> <td>3,3%</td> </tr> <tr> <td>Apenas alguns indivíduos de sexo feminino brasileiro</td> <td>10,0%</td> </tr> <tr> <td>Só se refere a indivíduo do sexo masculino</td> <td>86,7%</td> </tr> </tbody> </table>	Resposta	Porcentagem	Qualquer indivíduo de sexo feminino	3,3%	Apenas alguns indivíduos de sexo feminino brasileiro	10,0%	Só se refere a indivíduo do sexo masculino	86,7%		
Resposta	Porcentagem										
Qualquer indivíduo de sexo feminino	3,3%										
Apenas alguns indivíduos de sexo feminino brasileiro	10,0%										
Só se refere a indivíduo do sexo masculino	86,7%										
<p>8. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um representante da mistura entre mulato e negro?</p>	 <table border="1"> <thead> <tr> <th>Resposta</th> <th>Porcentagem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Não</td> <td>86,7%</td> </tr> <tr> <td>Não conhece</td> <td>6,7%</td> </tr> <tr> <td>Parcialmente</td> <td>3,3%</td> </tr> <tr> <td>Sim</td> <td>3,3%</td> </tr> </tbody> </table>	Resposta	Porcentagem	Não	86,7%	Não conhece	6,7%	Parcialmente	3,3%	Sim	3,3%
Resposta	Porcentagem										
Não	86,7%										
Não conhece	6,7%										
Parcialmente	3,3%										
Sim	3,3%										
<p>9. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um jagunço?</p>	 <table border="1"> <thead> <tr> <th>Resposta</th> <th>Porcentagem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Parcialmente</td> <td>10,0%</td> </tr> <tr> <td>Não</td> <td>73,3%</td> </tr> <tr> <td>Não conhece</td> <td>3,3%</td> </tr> <tr> <td>Sim</td> <td>13,3%</td> </tr> </tbody> </table>	Resposta	Porcentagem	Parcialmente	10,0%	Não	73,3%	Não conhece	3,3%	Sim	13,3%
Resposta	Porcentagem										
Parcialmente	10,0%										
Não	73,3%										
Não conhece	3,3%										
Sim	13,3%										
<p>10. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um habitante da zona rural?</p>	 <table border="1"> <thead> <tr> <th>Resposta</th> <th>Porcentagem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Parcialmente</td> <td>10,0%</td> </tr> <tr> <td>Não</td> <td>73,3%</td> </tr> <tr> <td>Sim</td> <td>16,7%</td> </tr> </tbody> </table>	Resposta	Porcentagem	Parcialmente	10,0%	Não	73,3%	Sim	16,7%		
Resposta	Porcentagem										
Parcialmente	10,0%										
Não	73,3%										
Sim	16,7%										
<p>11. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um cangaceiro?</p>	 <table border="1"> <thead> <tr> <th>Resposta</th> <th>Porcentagem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Parcialmente</td> <td>6,7%</td> </tr> <tr> <td>Não</td> <td>73,3%</td> </tr> <tr> <td>Não conhece</td> <td>6,7%</td> </tr> <tr> <td>Sim</td> <td>13,3%</td> </tr> </tbody> </table>	Resposta	Porcentagem	Parcialmente	6,7%	Não	73,3%	Não conhece	6,7%	Sim	13,3%
Resposta	Porcentagem										
Parcialmente	6,7%										
Não	73,3%										
Não conhece	6,7%										
Sim	13,3%										

QUADRO 7 – Terceiro questionário aplicado junto a participantes residentes em Fortaleza

Perguntas	Respostas										
<p>7. Você acredita que seus pares (Avô, Pai, Marido, Companheiro, Amigos íntimos e em geral) possam ser chamados por você de <i>Cabra</i>? Por quê?</p>	 <table border="1"> <caption>Respostas para a pergunta 7</caption> <thead> <tr> <th>Resposta</th> <th>Porcentagem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Sim</td> <td>43,3%</td> </tr> <tr> <td>Não</td> <td>54,7%</td> </tr> <tr> <td>Parcialmente</td> <td>1,7%</td> </tr> </tbody> </table>	Resposta	Porcentagem	Sim	43,3%	Não	54,7%	Parcialmente	1,7%		
Resposta	Porcentagem										
Sim	43,3%										
Não	54,7%										
Parcialmente	1,7%										
<p>8. Você acredita que homens com os quais você não tem intimidade (Chefe, colegas de trabalho, anônimos na rua e no comércio e prestadores de serviços e autoridades de um modo geral) possam ser chamados por você de <i>Cabra</i>? Por quê?</p>	 <table border="1"> <caption>Respostas para a pergunta 8</caption> <thead> <tr> <th>Resposta</th> <th>Porcentagem</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Não</td> <td>76,7%</td> </tr> <tr> <td>Sim</td> <td>13,3%</td> </tr> <tr> <td>Dependente</td> <td>8,7%</td> </tr> <tr> <td>Parcialmente</td> <td>3,3%</td> </tr> </tbody> </table>	Resposta	Porcentagem	Não	76,7%	Sim	13,3%	Dependente	8,7%	Parcialmente	3,3%
Resposta	Porcentagem										
Não	76,7%										
Sim	13,3%										
Dependente	8,7%										
Parcialmente	3,3%										

De acordo com os dados coletados a partir da aplicação desses três questionários, verifica-se que, para a maioria dos sujeitos, há uma tensão em relação ao significado prototípico da expressão em estudo. Pois, se por um lado, o significado mais saliente, ao que parece, é ‘indivíduo’; por outro lado, o seu uso é considerado por boa parte dos sujeitos como inapropriado em situações formais ou em tratamento dispensado a pais e a avós, devido ao fato de apresentar caráter regional.

Além disso, a maioria dos sujeitos não reconheceu os significados ‘mulher’, nem ‘mestiço de mulato e negro’, tampouco ‘cangaceiro’, ‘capanga’ ou ‘morador e trabalhador da zona rural’ atribuídos à expressão ‘cabra’ por boa parte dos dicionários investigados. Vale ressaltar que o significado de tal expressão, em termos de indivíduo qualquer, é encontrado apenas em dois dos sete dicionários pesquisados: o de Houaiss *et al.* (2008) e o de Ferreira (2010), isto é, nos dicionários gerais contemporâneos. Tal fato pode nos levar a inferir que esses significados apresentariam caráter mais recente, assim como aquele relativo a trabalhador e a morador da zona rural.

À guisa de conclusão desta seção, verifica-se que, para a maior parte dos dicionários pesquisados, a origem latina relativa às formas masculina e feminina do animal em questão não é a mesma, ainda que os autores desses dicionários divirjam acerca de qual forma latina teria derivado ‘cabrão’ e ‘cabro’. Além disso, a despeito da divergência quanto ao significado prototípico de tal expressão, ela vem sendo usada, igual e efetivamente, para se referir a ser humano, ao seu comportamento ou à parte de seu corpo,

Em outras palavras, percebe-se, de acordo com os dados, que embora os significados contemplados por tal expressão na condição de ser humano mudem quantitativamente ao longo de sua história, eles mantiveram e mantêm sempre a sua referência a ser humano. Critérios etimológicos ou mesmo históricos não dão conta de explicar tal padrão. Tampouco, teorias semânticas de caráter formalista e/ou estruturalista dão conta de explicá-lo, tendo em vista que essas teorias se atêm, normalmente, a critérios formais, independente das características próprias ao funcionamento cognitivo humano. Nesse sentido, Lakoff (1987) pondera que, ao negligenciarem as experiências resultantes entre o aparato sensório-motor humano e o mundo físico e socioculturalmente situado, as visões semânticas tradicionais supõem que o processo de significação humana poderia ser produzido por qualquer outro dispositivo animado ou inanimado, a exemplo de máquinas e robôs.

### 3 Algumas análises e resultados

Em consonância com os dados levantados, nossa análise parte, de início, da hipótese de que a variação de gênero contemplada pela expressão convencional ‘cabra’ na condição de homem não poderia ter base etimológica. Ou seja, em conformidade com as informações fornecidas pelos dicionários investigados, foram formas latinas distintas que originaram as formas em português correspondentes à ‘cabra’, a ‘cabrão’ e a ‘cabro’. Assim sendo, levanta-se a hipótese de que tal variação se deu em função dos situamentos socioculturais dos falantes residentes, sobretudo, no Nordeste do Brasil.

Nesse sentido e de acordo com todos os dicionários investigados, inclusive o dicionário *Gran Dictionnaire de La Langue Latine*, e com os sujeitos e usuários atuais da expressão convencional ‘cabra’, é evidentemente sistemática a relação motivada por extensão metafórica



entre os conceitos do animal cabra (e/ou ‘cabrão’ ou ‘cabro’) e de ser humano. Nessa perspectiva, postulamos, de acordo com a Teoria da Metáfora Conceptual, que as relações contempladas pelo léxico não se dão em termos de um significado linguístico único, literal e abstrato, até porque seria bastante implausível justificar que um único significado linguístico abstrato daria conta de estabelecer propriedades necessárias e suficientes comuns ao conceito de ser humano e de animal. Ao contrário, tais relações, apesar de contemplarem um significado convencionalizado ou prototípico em função dos usos e propósitos, ou ainda dos efeitos prototípicos (LAKOFF, 1987) das categorias homem e cabra, por exemplo, contemplam, sobretudo, os aspectos relativos à forma como nosso sistema conceptual é constituído e funciona.

Assim, para a Teoria da Metáfora Conceptual, itens lexicais polissêmicos, como a expressão convencional ‘cabra’, seriam estruturados segundo processos de categorização situados. Nessa perspectiva, a categoria animal seria estruturada, primeiramente, com base no nível básico de categorização (ROSCH *et al.*, 1976). Ou seja, há evidências, de acordo com vários estudos e experimentos (BERLIN; ROMNEY, 1964; ROSCH *et al.*, 1976), de que os seres humanos estruturam, inicialmente, seu sistema conceptual a partir da interação com entidades com as quais possam tocar, cheirar e perceber o funcionamento de suas formas e partes em um mundo físico e/ou socioculturalmente situado. Assim, para estruturação do conceito de cabra, por exemplo, teria que ter havido interação motora humana com o animal cabra, em termos de tato e de cheiro, por exemplo, além de interação perceptual, relativa à percepção das formas desse animal em consonância com a funcionalidade de suas partes, a exemplo do leite que produz, e de compreensão de seu papel sociocultural na comunidade em que vive.

Em suma, para que se estruturam tanto o nível categorial mais geral como mais específico do conceito cabra como, animal e cabra montês, respectivamente, parte-se do nível categorial básico cabra. Dito de outra forma, de acordo com a Teoria da Metáfora Conceptual, seria, inicialmente, fundamental para estruturação do conceito cabra que houvesse experiência não apenas sensório-motora com algo chamado cabra – percepção de sua forma e o contato com seu corpo e cheiro – como também compreensão do papel socioeconômico e cultural que tal animal exerce na comunidade onde vive para, em seguida, categorizá-lo como animal e/ou como uma determinada espécie desse tipo de animal.

Nessa perspectiva, e em conformidade com a ideia de que os níveis categoriais de generalização e de especificação são executores da imaginação (BROWN, 1965) a partir do nível básico, Lakoff (1987) postula que o processo humano de categorização se utiliza de recursos cognitivos metafóricos, a fim de dar significado às experiências com as quais seu aparato sensorio-motor não consegue efetivamente interagir. Dessa forma, compreende-se que o léxico não poderia ser explicado na condição de lista de traços, tal qual postula a tradição gerativa, tampouco de abstração de significado único e literal, de natureza apenas linguística, tal qual postula a maior parte das teorias semânticas de base estruturalista e formalista. Ao contrário, ele seria motivado e projetado de acordo com as experiências corpóreas situadas dos seres humanos ou ainda de sua mente corpórea.

No caso da expressão convencional ‘cabra’ usada para se referir a ser humano, além de animal de gênero feminino, as experiências dos falantes de português do Brasil – especialmente daqueles que vivem na região Nordeste – com o animal em questão, motivariam e estruturariam o seu caráter polissêmico, ou ainda os seus diversos significados relativos a homem e à mulher. Ou seja, ao se compreender, tal qual postula a Teoria da Metáfora Conceptual, os significados dos itens lexicais em termos de conceitos organizados nos três níveis categoriais acima discutidos, se teria, no caso da polissemia da expressão em estudo, um processo de extensão do significado de animal em termos de homem e de mulher com base em recursos metafóricos, especialmente com base em metáforas animais.

As metáforas animais, segundo Kövecses (2010), se constituem em recursos conceptuais dos mais recorrentes. O autor acrescenta ainda que não apenas se verificou, em várias tradições linguísticas, que pessoas são conceptualizadas em termos de animais como também que, o comportamento humano é conceptualizado em termos de comportamento animal, além de partes do corpo humano serem, igualmente, conceptualizadas em termos de partes do corpo dos animais. Além disso, foram verificadas evidências de que as metáforas animais geralmente mapeiam características negativas dos animais. Dito de outra forma, as metáforas animais se constituiriam em recursos conceptuais utilizados, sobretudo, para se produzir conceitos de caráter negativo ou pejorativo acerca das pessoas, de seus comportamentos e de parte de seus corpos, tal qual se verificou nas diversas acepções encontradas na entrada relativa à cabra apresentadas pelos dicionários aqui investigados.

Nessa perspectiva, vale ser feita a seguinte pergunta: Por que o animal cabra está sendo mapeado em termos de homem e de mulher pelos falantes de português do Brasil, especialmente por aqueles que vivem no Nordeste?

De início, trata-se de um animal que teve e tem papel socioeconômico fortíssimo nessa região, tal qual assinala Cascudo:

(...) o leite de vaca nunca foi popular no sertão. Ninguém o bebia. O leite coalhado e o queijo, sim, eram decisivos. Nunca o leite puro e sim acompanhado, como sopa, batatas, jerimum, farinha, adoçado com rapadura. O leite de cabra tinha o primeiro lugar. Era uma herança milenar, porque a cabra fora o animal leiteiro por excelência, cantado em Hesíodo, Virgílio, Teócrito, e não as vacas (CASCUDO, 2009, p.61).

Além disso, se, por um lado, esse animal, sobretudo o seu leite, é compreendido como importante por alimentar uma parte considerável da região nordestina, ele é, por outro lado, compreendido como amaldiçoado. Novamente, de acordo com Cascudo (2009, p.61), “do convívio com tal animal, teriam surgido histórias segundo as quais tanto o bode quanto a cabra desapareciam por uma hora durante o dia para ir ter com ‘o coisa ruim’”. O autor avalia ainda que:

Desta participação religiosa a cabra nunca se libertou. Não se aproximou de santo algum e não há lenda ou história em que figure como elemento favorável. Familiar, doméstica, da intimidade sertaneja, não inspira confiança integral ao povo. Em lenda alguma da literatura oral cristã comparece com a cabra num plano de boa educação ou afeto. Na etiologia de sua voz, uma condenação popular que tivemos de Portugal: ‘Cristo nasceu!’ – cantou o galo. ‘Onde’ – muge o boi. ‘Em Belém!’, baliu a ovelha. ‘Mentes, mentes’ – resmungou a cabra, guardando até hoje a negativa gaguejada e pagã. (CASCUDO, 2009, p. 61).

Assim, é possível observar que as maldições não recaem apenas sobre o animal, recaem, igualmente, sobre o seu leite. Segundo nos informa mais uma vez Cascudo (2009), acreditava-se, sobretudo no Sertão do Nordeste, que o leite da cabra poderia transmitir “o caráter inquieto, buliçoso, arrebatado, da amamentadora. [Ou ainda de que] o menino, demasiado vivo, arteiro, endiabrado, tem a justificativa no leite da cabra”. (CASCUDO, 2009, p.62).

Desse modo, é plausível afirmar que a metaforização do ser humano em termos de cabra se dá para falantes dessa região do Brasil devido aos seus situamentos corpóreos e socioculturais, isto é, devido aos contatos físico-perceptuais com esse animal e a função socioeconômica e cultural que ele exerce nessa região. Verifica-se, nessa perspectiva, que são atribuídas características comportamentais pouco elogiosas à cabra, tais como o de ser misteriosa, pouco cristã, nada confiável, com poderes obscuros, inquieta, arrebatada, além de características físicas pouco interessantes como, a de emitir sons nada harmoniosos e exalar cheiro desagradável, muito embora se atribua a ela grande potencial sexual.

Percebe-se, dessa forma, que falantes, sobretudo, da região do Nordeste do Brasil, estruturam o conceito cabra com extensões metafóricas relativas a ser humano ao mapearem características atribuídas ao animal em questão. Ou seja, cabra é aí, compreendida como mulher a partir do mapeamento das características sensualidade e berro atribuídas à cabra, de um lado, e das características lasciva, prostituta, escandalosa e que grita muito atribuídas a mulher, de outro lado. Cabra é, igualmente, aí compreendida como homem a partir do mapeamento das características amaldiçoada, pouco confiável e arrebatada atribuídos ao animal, de um lado e, das características mestiço, traiçoeiro, violento, valente, brigão e petulante, atribuídas a homem, de outro lado.

Além disso, para Goatly (2007), as metáforas animais podem estar igualmente motivadas por sistema de valores ideológicos referendados por teorias de caráter evolucionista e eugenista segundo as quais o ser humano seria um animal superior aos demais animais; e os seres humanos caucasianos seriam, por sua vez, superiores aos demais seres humanos. Há evidências, nesse sentido, de textos reunidos por pesquisadores da Teoria da Metáfora Conceptual, disponibilizadas por Goatly (2007), que identificam a conceptualização de grupos de seres humanos fora do padrão caucasiano em termos de animais, como os imigrantes nos Estados Unidos.

No entanto, é interessante notar que os falantes residentes na região do Nordeste do Brasil, ao considerarem a cabra como um animal importante para sua economia, mapeiam, igualmente, características positivas ao conceptualizarem cabra como homem. Ou seja, tal qual a cabra é compreendida como resistente e de fácil adaptação, o cabra é conceptualizado como determinado, corajoso e esperto. Nesse sentido, Freyre, ao se basear na definição do folclorista Rodrigues de Carvalho, afirma, que: [o cabra é] “o herói de um grande número de histórias de

coragem e de aventuras de amor. É o ‘cabra danado’. O ‘cabra escovado’. O cabra bom. O cabra de confiança”. (FREYRE, 2004, p.172).

Quanto à possibilidade do significado prototípico de tal expressão se ter deslocado para algo mais neutro como indivíduo ou homem qualquer, supõe-se que haja relação entre a intensificação do processo de urbanização pelo qual passou o Nordeste nas últimas décadas (MENEZES, 2010), e a variação no uso prototípico dessa expressão, isto é, ‘de mestiço de negro com mulato ou índio’, ou ‘de morador da zona rural’ para ‘indivíduo’

Nessa perspectiva, ao que parece, o uso de cabra como mulher não se urbanizou, mantendo-se circunscrito à zona rural ou a falantes nordestinos de muita idade. Isso ocorreu, a nosso ver, devido ao fato desse regionalismo não apresentar a mesma força pragmática do que aquele que se refere a homem. Nesse sentido, Freyre (2004) nos ensina que o cabra desempenhou função sócio-histórica contundente tanto na região do Nordeste do Brasil como no Brasil inteiro. Ou seja, se por um lado, segundo Freyre:

A história social do Nordeste da Cana-de-Açúcar está ligada, como talvez a de nenhuma outra região de Brasil, ao esforço do mestiço, ou antes, do cabra. Um esforço que se tem exercido debaixo de condições duramente desfavoráveis. Mas, mesmo assim, notável pelo que tem construído e realizado. (FREYRE, 2004, p. 171).

Por outro lado, ainda para Freyre (2004, p.50), teria sido o cabra, um dos primeiros representantes genuínos da civilização brasileira. Ou seja, segundo Freyre: “primeiro se fixaram e tomaram fisionomia brasileira os traços, os valores, as tradições portuguesas que, junto com as africanas e as indígenas, constituiriam aquele Brasil profundo, que hoje se sente ser os mais brasileiros”. (FREYRE, 2004, p.50)

Em suma, conclui-se que o pareamento entre cabra e seus diversos significados em termos de homem se estrutura com base na maneira como o sistema conceptual humano se organiza e funciona, isto é, com base nas experiências corpóreas e socioculturalmente situadas dos falantes, no caso dos falantes residentes da região do Nordeste do Brasil. Dito de outra forma, os falantes residentes da região do Nordeste do Brasil não compreendem ‘cabra’ apenas em termos de animal *per se*. Eles a compreendem também em termos de sua função socioeconômica e de seu papel simbólico ou cultural; e em termos de determinado tipo de homem e mulher com base em processos metafóricos.

Ademais, considerando que as metáforas animais produzem conceitos, sobretudo negativo acerca das pessoas, percebe-se pendor pejorativo e depreciativo na metáfora cabra na condição de homem. Necessário salientar a esse respeito que, de acordo com as diversas acepções apresentadas pelos dicionários investigados, as características mais marcadas são as de o cabra ser mestiço ou oriundo de etnias desprestigiadas. Como é sabido, pesam enormes preconceitos sobre ambas as condições, de ser mestiço e de ser índio.

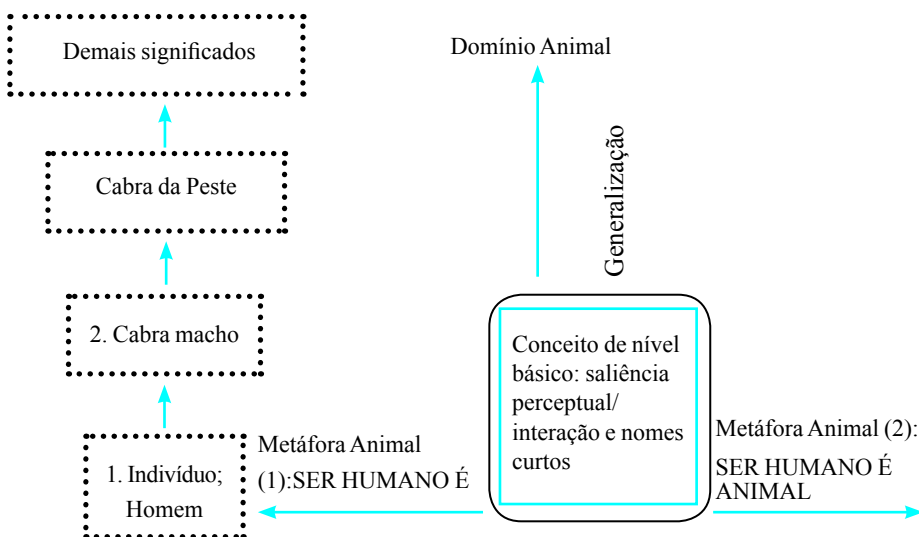
Diante de tais evidências, ratifica-se a hipótese de que a mudança do gênero contemplada pela expressão convencional ‘cabra’, isto é, o fato de homem não ser conceptualizado como bode e sim como ‘cabra’, estaria, efetivamente, relacionada com as motivações oriundas dos situamentos corpóreos e socioculturais dos falantes residentes na região do Nordeste do Brasil. Estaria, especialmente, relacionada com fato de esse homem ser filho de mulato e negra, isto é, um híbrido de etnias sobre as quais pesam enormes preconceitos. Nesses termos, Goatly (2007) assinala que homens que não apresentam padrão caucasiano são compreendidos como animais. No caso da mudança de gênero contemplada pela conceptualização de homem em termos de cabra, observa-se um aspecto a mais: ele é compreendido como um tipo invertido, um animal híbrido que não se coaduna com a visão clássica da divisão de gêneros.

#### **4 Considerações finais**

Em consonância com os resultados obtidos com esta pesquisa, acredita-se que há evidências no sentido de que, para que se possa compreender a natureza do pareamento cabra em termos de homem, e de sua variação de gênero, é necessário que se examinem as correspondências entre pensamento, linguagem e cultura. Ou seja, a nosso ver, são consistentes os processos de natureza corpórea e socioculturalmente situados que motivam a conceptualização de homem em termos da expressão convencional ‘cabra’ bem como a sua variação de gênero. Por tal razão, considera-se tal expressão como polissêmica aos moldes da concepção de polissemia formulada por Lakoff (1987).

Dessa forma, se propõe (ver abaixo diagrama) que os significados da expressão ‘cabra’ se organizam a partir do agrupamento de duas categorias, ou de dois modelos cognitivos –animal e homem. Em outras palavras, propõe-se que os significados da expressão ‘cabra’ se encontram

organizados segundo um modelo categorial radial, de natureza aberta e dinâmica, de modo que: seu primeiro membro central é animal; e que, com base na metáfora animal SER HUMANO É ANIMAL, se estabelece seu segundo membro central ‘ser humano’, cujo significado prototípico seria ‘indivíduo qualquer’ ou ‘homem’ e os significados periféricos seriam ‘cabra macho’, ‘cabra da peste’, ‘morador e trabalhador da zona rural’, ‘mestiço de mulato com negra’, capanga. O processo metafórico animal em termos de mulher (constante no diagrama abaixo) não se apresentou devidamente convencionalizado, segundo os sujeitos que responderam aos três questionários aplicados.



1. Homem: 1. Indivíduo qualquer; Homem; 2. Cabra Macho; 3. Cabra da Peste; 4. Morador e trabalhador rural; 5. mestiço de mulato e negra; 6. Capanga 2. Mulher

À guisa de conclusão, os estudos voltados para itens polissêmicos, a exemplo da expressão convencional ‘cabra’, à luz dos postulados da Teoria da Metáfora Conceptual, mostram que o caráter arbitrário da relação entre significado e forma se encontraria mais distante do léxico mental do que se poderia imaginar. Nesses termos, o que poderia ser efetivamente arbitrário seria a sequência fonológica de *cabra*, por exemplo, e não o fato de essa sequência apontar para as relações conceptuais acima discutidas. Assim, vislumbra-se que uma visada arbitrária sobre a natureza dessa relação pode ser considerada bastante inconsistente.

Por último, faz-se necessário salientar que, mesmo que se julgue importante a investigação dos processos psicológicos envolvidos na estruturação da relação dos significados polissêmicos em foco, estima-se que, com este trabalho, contribui-se, ainda que modestamente, para a discussão acerca da arbitrariedade entre significado e forma.

### **Declaração de autoria**

Declaramos que o texto foi redigido integralmente pelos dois autores. Fernanda Cavalcanti foi mais responsável pela ideia do tema, bem como das leituras teóricas no âmbito da Teoria da Metáfora Conceitual e da análise. Luciane Ferreira, por sua vez, foi responsável pela fundamentação teórica subsidiada pelos Teóricos da Metáfora Conceitual.

### **Referências**

- BERLIN, B; ROMNEY, K. A. Descriptive semantics of tzeltal numeral classifiers. In: ROMNEY, K. A.; D'ANDRADE, R. (Org.). *Transcultural Studies in Cognition*. New York: American Anthropologist Association, 1964. p.79-98.
- BLUTEAU, R. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712.
- BROWN, R. *Social Psychology*. New York: Free Press, 1965
- CASCUDO, L. *Coisas que o povo diz*. 2. ed. São Paulo: Globo Editora, 2009. [1.ed. 1968].
- FERREIRA, A. B. H. (de). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FERREIRA, A. B. H. (de). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.
- FREUND, G. *Grand Dictionnaire de la Langue Latine*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères; Filset Cie., 1866.
- FREYRE, G. *Nordeste*. 7. ed. São Paulo: Global Editora, 2004. [1. ed. 1937]
- GIBBS, R. *The poetics of mind: figurative thought, language, and understanding*. New York: Cambridge University Press, 1994.



GOATLY, A. *Washing the brain, metaphor and hidden ideology*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007. DOI: <https://www.jbe-platform.com/content/books/9789027292933>

HINO, Y; LUPKER, S. J. Effects of polysemy in lexical decision and naming: an alternative to lexical access accounts. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, Washington, v. 22, n. 6, p. 1331-1356, 1996. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/0096-1523.22.6.1331>

HOUAISS, A. *et al. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

KLEIN, D.; MURPHY, G. The representation of polysemous words. *Journal of Memory and Language*, New York, v. 45, n. 2, p. 259-282, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1006/jmla.2001.2779>

KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. 2. ed. Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226471013.001.0001>

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987. v.1.

LEVELT, W. *Speaking*. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.

MACHADO, J. P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1952.

MENEZES, E. D de. *Das classificações temáticas da literatura de cordel: uma querela inútil*. [s/d.]. Disponível em: <<http://www.bahai.org.br/cordel/default.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

RÊGO, J. L. *Fogo morto*. 21. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982.

ROSCH, E.; MERVIS, C.; WAYNE, G.; JOHNSON, D.; BOYES-BRAEM, P. Basic objects in natural categories. *Cognitive Psychology*, Elsevier, v. 8, n. 3, p. 382-439, 1976. DOI: [https://doi.org/10.1016/0010-0285\(76\)90013-X](https://doi.org/10.1016/0010-0285(76)90013-X)

RUHL, C. *On monosemy: a study in a linguistic semantics*. Albany: State University of New York Press, 1989.

SILVA, A. M. *Diccionario da Língua Portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Typografia de Joaquim Germano de Souza Neves Editor, 1877.

SILVA, A. M. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1823.

SILVA, A. M. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 10. ed. Lisboa: Editoria Confluência, 1949.

SILVA, A. S. Sentidos múltiplos: polissemia, semântica e cognição. In: FELTES, H. P. de M. (Org.). *Produção de sentido: estudos disciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Edurcs: 2003.

ZYGUSTA, L. *Manual of lexicography*. The Hague: Mouton, 1971.

## ANEXOS

Questionário 2	Questionário 3
<p>1. Você acredita que o homem e a mulher são animais?</p> <p>2. Se você acredita que tanto o homem quanto a mulher são animais, qual seria a diferença entre homem/mulher animal e os demais animais?</p> <p>3. Você acredita que haja diferenças entre o homem brasileiro nordestino e o homem brasileiro no geral? Por quê?</p> <p>4. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA se refere a: Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino. Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro. Apenas algum tipo de indivíduo/sujeito do sexo masculino brasileiro</p> <p>5. Você acha que a expressão CABRA DA PESTE e CABRA MACHO se referem a: Qualquer indivíduo/sujeito do sexo masculino Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro e nordestino</p> <p>6. Você acha que CABRA é usado também para se referir: Qualquer indivíduo de sexo feminino Qualquer indivíduo de sexo feminino brasileiro Apenas alguns indivíduos de sexo feminino brasileiro Só se refere a indivíduo do sexo masculino</p> <p>7. Quando você ouve a expressão CABRA BOM, que tipo de imagem lhe vem à cabeça?</p> <p>8. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um representante da mistura entre mulato e negro?</p> <p>9. Você concorda com definição segundo a qual CABRA é um jagunço?</p> <p>10. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um habitante da zona rural?</p> <p>11. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um cangaceiro?</p> <p>12. Você concorda com a expressão que diz que “Não há doce ruim e cabra bom”?</p> <p>13. “Não me mete medo! Vá dizer a este mata-cachorro que eu agüento. Sou homem, cabra. Sou homem!” Ao ler essa passagem do romance FOGO MORTO, de José Lins do Rego, você acha que essa idéia de homem é adequada, é real?</p>	<p>1. Você acredita que o homem é um animal? Por quê?</p> <p>2. Você acredita que o homem possa ser representado por um animal? Qual seria e Por que razão?</p> <p>3. Você concorda com que a imagem do homem nordestino seja representada por <i>Cabra</i>?</p> <p>4. Você vê alguma diferença quando um homem (nordestino?) é chamado de <i>Cabra</i> ao invés de somente “Homem”, “Cara”, “Rapaz”? Qual seria essa diferença?</p> <p>5. Em sua opinião, qual seria o aspecto físico relativo a <i>Cabra</i> que você acredita que, em alguma medida, se assemelharia a de um homem?</p> <p>6. Em sua opinião, qual seria o aspecto moral ou comportamental que, em alguma medida, se assemelharia a de um homem?</p> <p>7. Você acredita que seus pares (Avô, Pai, Marido, Companheiro, Amigos íntimos e em geral) possam ser chamados por você de <i>Cabra</i>? Por quê?</p> <p>8. Você acredita que homens com os quais você não tem intimidade (Chefe, colegas de trabalho, anônimos na rua e no comércio e prestadores de serviços e autoridades de um modo geral) possam ser chamado por você de <i>Cabra</i>? Por quê?</p> <p>9. Você acha que o <i>Cabra</i> tem nacionalidade ou naturalidade específica?</p>